

# As margens da nação moderna em **Ventos do apocalipse**, de Paulina Chiziane

LEOCÁDIA APARECIDA CHAVES\*

Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

## Resumo

**E**ste artigo tem como objetivo discutir como o espaço de enunciação garantido às minorias, nos países africanos de língua portuguesa que ainda vivem as consequências diretas dos traumas de sua história recente, aparece na obra **Ventos do apocalipse**, de Paulina Chiziane. Além disso, discute também como as narrativas literárias têm refletido sobre essas nações fragmentadas, no contexto da guerra civil, e como essas questões se relacionam com a contemporaneidade.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; Nação; Identidade; **Ventos do apocalipse**; Paulina Chiziane.

Na guerra há sempre um sobrevivente para contar a história.  
(CHIZIANE, 1993, p. 157)

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Repensar o processo de formação das nações modernas a partir da perspectiva das minorias, das margens, das fronteiras e, em especial, das nações africanas de língua portuguesa<sup>1</sup> é uma demanda latente, principalmente se considerarmos que esses países ainda vivem as consequências diretas dos traumas de sua história recente: opressão colonial até meados dos anos de 1970, seguida por intensas e longas guerras civis.

O discurso totalizante, monolítico e castrador forjado pelos estados socialistas que se formaram no pós-independência em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe e se mantiveram no poder até fins dos anos de 1990, contribuíram drasticamente para sufocar as diferenças das minorias discordantes do governo antidemocrático de partido único e das tradições em choque com os valores ditos racionalizantes e modernizadores do projeto nacional em execução.

Segundo Inocência da Mata, é preciso considerar a diversidade que se esconde por trás do rótulo “países africanos de língua oficial portuguesa”. (MATA, 2006 – grifos nossos).

Portanto, um questionamento se faz necessário: qual foi/é o espaço de enunciação garantido às minorias? Às comunidades rurais distantes dos centros do poder? Aos velhos? Às mulheres? Às crianças? Às crenças tradicionais em confronto com as questões da modernidade e do poder? E mais: como as narrativas literárias têm refletido sobre a nação fragmentada, no contexto de guerra civil, e como estas questões se relacionam com a contemporaneidade?

Nesse sentido, podemos considerar grande parte da produção literária realizada nesses países, nas últimas décadas do século XX e pelo século XXI afora, como sendo uma literatura menor que, segundo Deleuze e Gatarri, usa a língua do colonizador para expressar suas próprias questões. Nessa escritura, tudo é político;

seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual se torna mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele. (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 26).

Dessa forma, as narrativas de nação nos países africanos de língua portuguesa têm cumprido uma importante missão: trazer as minorias, os marginalizados, os silenciados, os exilados das práticas e dos discursos nacionalistas para o centro de suas narrativas de nação.

Segundo Bhabha, essas minorias ou microsociedades como expatriados, exilados, emigrantes ou refugiados, que se encontram em espaços de culturas estrangeiras vivem, uma espécie de semividas, porque nem são considerados, nem consideram a si mesmos integrantes da sociedade na qual deveriam estar inseridos. Essa reflexão pode ser estendida a um grande número de sujeitos que são viventes de semividas mesmo dentro das fronteiras de sua pátria, em função das questões de gênero, cultura, raça e ideologia e, por isso, podem ser considerados, em última instância, expatriados dentro de sua própria pátria. Homi Bhabha, ao refletir também sobre o papel do povo na formação do Estado moderno, cita Foucault para defender a ideia de que o “povo emerge no Estado moderno como movimento perpétuo da “integração marginal de indivíduos.” (BHABHA, 2001, p. 546). Nessa trilha, é preciso dar voz ao povo para se construir um Estado moderno, de fato, democrático e integrador de indivíduos marginalizados.

Por isso, as narrativas literárias são um espaço privilegiado para se narrar essas nações em construção; espaço em que se insinuam deslocamentos, deslizamentos de verdades e concepções historicamente construídas e consolidadas. Espaço no qual as minorias contam as suas histórias, ao invés de serem apagadas em nome de um todo homogêneo. Espaço em que vozes se encontram e se desencontram na reconstrução de suas histórias individuais e coletivas, cuja concepção do tempo é múltipla, plural, compreendendo que passado e presente dialogam e se refazem, e que a diferença cultural é um elemento que deve ser conjugado ao invés de tensionado. Nesse sentido, Bhabha defende:

A nação não é mais o signo da modernidade sob o qual as diferenças culturais são homogeneizadas na perspectiva “horizontal” da

sociedade. A nação revela, na sua representação ambivalente e vacilante, a etnografia da sua própria historicidade e torna possível outras narrativas do povo e da sua diferença. (BHABHA, 2001, p. 545).

Dessa forma, sintonizados com as questões de seu tempo e espaço, um grande e qualitativo número de escritores africanos de língua portuguesa, bem como de outros países e de outras línguas, têm feito de suas escritas um projeto literário que reflete algumas dessas questões sinalizadas. Dentre esses escritores, discutiremos como a autora Paulina Chiziane, de etnia chope, nascida em Manjacaze, ao sul de Moçambique, na Província de Gaza, reflete em sua obra **Ventos do apocalipse** algumas dessas questões. Importante ressaltar que Chiziane publicou vários contos na imprensa e cinco romances: **Balada de amor ao vento** (1990), **Ventos do apocalipse** (1996), **O sétimo juramento** (2000), **Niketche: uma história de poligamia** (2002) e o mais recente, **O alegre canto da perdiz** (2008). Sua representativa produção literária tem contribuído para a narração da nação moçambicana em construção, na perspectiva de suas margens e fronteiras.

Em **Ventos do apocalipse** são os marginalizados desta nação em construção, as comunidades rurais que se tornam refugiados da guerra que ganham voz. São eles que nos contam sagas individuais que se relacionam com as coletivas, conformando parte da história desse povo moçambicano. São essas vozes que mostram alguns dos percursos possivelmente transitados por homens, mulheres, crianças, jovens e velhos de existência real, que tiveram suas aldeias, seus lugares, seus familiares, seus amigos, seus clãs, enfim, suas memórias e suas histórias arruinadas pela guerra. Porém, devemos ressaltar que o coletivo – refugiados – não apaga, na narrativa, as tensões que se relacionam ao gênero, ao poder, às ideologias, às tradições e, muito menos, à função social dos indivíduos dentro das comunidades, que são metonímias da sociedade em permanente mudança. No entanto, todas essas questões são mostradas em constantes deslizamentos e deslocamentos, tanto no que se refere aos processos históricos encenados na ficção, inspirados, certamente, na realidade, quanto nas estratégias literárias criadas pela autora para as representações do tempo, do espaço e dessas sociedades rurais moçambicanas, ao longo de toda a narrativa.

Interessante notar que a autora dedica a sua obra à “Á G.E.T.U.P – Grupo Especial de Trabalho nas Unidades de Produção – Um grupo de jovens lutadores pela liberdade que a história se esqueceu de registrar” (CHIZIANE, 1993, p. 5), nos lembrando o que faltou nos registros da história oficial<sup>2</sup> de seu país. A partir dessa lembrança, podemos pensar em muitos outros esquecimentos, até então desconsiderados pela historiografia nacional, mas que têm sido reconstruídos, muitas vezes magistralmente, pelas literaturas pós-coloniais. Pois, segundo Boaventura de Souza Santos:

A literatura é, talvez, de todas as criações culturais, aquela em que melhor pode obter-se o equilíbrio dinâmico entre homogeneidade e fragmentação. Não admira que estes intelectuais, e, sobretudo,

É preciso considerar que os estudos de História, desde o Movimento dos Annales, liderados por Lucien Febvre e Marc Bloch, no final dos anos 1920 na França, têm avançado muito no que se refere aos temas e métodos de pesquisa. Nesta esteira, a corrente de estudos aberta pela História das Mentalidades, em fins dos anos de 1960, e consolidada pela Nova História Cultural, nos anos de 1970, tem garantido a incorporação de novos temas – como mentalidades, micro-história, história da vida privada, história do cotidiano, história do gênero, história da sexualidade, enfim, a história dos modos de viver e sentir das minorias – aos estudos históricos mundiais.

Fanon, tenham atribuído à literatura o estatuto de instrumento privilegiado na construção da consciência nacional, preenchendo-a com vozes que as elites nacionalistas (para já não falar do poder colonial) esqueceram ou excluíram. (SANTOS, 2001, p. 35).

## AS MARGENS DA NAÇÃO MODERNA EM VENTOS DO APOCALIPSE

O título da obra anuncia que os ventos que sopram as histórias dos homens e dos lugares ao sul de Moçambique, na Província de Gaza, são os ventos do apocalipse. A propósito, na última página da narrativa, assina-se e data-se a escritura: 15/04/1991, que define um período ainda distante da assinatura do acordo de paz que selou o fim da guerra em 04/10/1992, após 16 anos de guerra civil.

Pois bem, a narrativa é dividida em prólogo, parte I e parte II. O prólogo é um convite à escuta, característica marcante das comunidades tradicionais ágrafas, em especial, as do interior da atual Moçambique:

Vinde todos e ouvi  
Vinde todos com as vossas mulheres e ouvi a chamada.  
Não quereis a nova música de timbila que me vem do coração?  
Gomucomu, 1943. (CHIZIANE, 1993, p. 7)<sup>3</sup>.

Doravante, todas as citações deste livro serão sinalizadas pelo número de página, pois referem-se a esta mesma edição.

Trazendo para a sua narração estratégias da oralidade, a autora nos revela uma das marcas da cultura dos povos dessa nação em construção, que foi menosprezada pela escrita colonial, e que em sua escrita ganha centralidade, deslocando sentidos e valores na escrita pós-colonial.

Após esse convite, há um arranjo para se ouvir o que o velho tem a contar: “Escutai os lamentos que me saem da alma.” (p. 9). Em seguida, o narrador – contador de histórias – nos conta três histórias: **O marido cruel, Mata, que amanhã faremos outro** e **A ambição de Massupai**. A narração desses três contos é finalizada com uma espécie de coro que afirma “A terra gira e gira, a vida é uma roda, chegou a hora, a história repete-se, KARINGANA WA KARINAGANA.” (p. 14). Dessa maneira, o desfecho desse prólogo nos apresenta a concepção circular de tempo tecida na narração: não há estabilidade temporal, passado e presente se retramam, renunciando a (re)contextualização das três histórias em tempos futuros. Essa estratégia mostra o rompimento com a concepção linear da história e, ao mesmo tempo, uma afiliação de narrativa de nação que entende os processos históricos de sua nação como um composto de mudanças e permanências contínuas e descontínuas, em que há uma pluralidade de tempos convivendo em um só tempo<sup>4</sup>.

Interessante notar que o historiador Fernand Braudel, no ano de 1949, celebrou-se ao publicar sua tese de doutoramento cujo objeto de estudo foi o mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Philipe II, na segunda metade do século XVI. Nesse trabalho, apresentou a sua concepção de tempo, que entendia a coexistência de três tempos históricos: o tempo de longa duração, de média duração e de curta duração. Para o historiador, o tempo de longa duração corresponde ao tempo das estruturas de crenças e comportamentos que mudam muito lentamente ao longo do tempo; o de média duração corresponde à história das conjunturas econômicas, sociais e políticas e o de curta duração são os acontecimentos.

Após o prólogo, há, aparentemente, uma ruptura na narração e pula-se para a primeira parte da obra, em que ouviremos, através de um narrador de perfil coletivo, a história do povo da aldeia Mananga. Dentre os seus moradores, existia um peculiar: Sianga, que antes da seca tinha nove esposas e antes da independência era régulo. Mas, ultimamente, vivia só com a sua última e mais nova esposa, Minosse, sua filha Wusheni, seu filho Manuna e suas poucas cabras. Sua esposa e sua filha deveriam

ocupar um lugar de submissão, determinado pela cultura tradicional, mas, ao longo da narrativa, elas subvertem essa ordem, deslizam de suas funções determinadas e nos apresentam circunstâncias de resistência e questionamentos que, a princípio, somente a literatura tem dado conta de registrar. Wusheni, ao ser prometida pelo pai ao compadre Muianga, em troca de um grande lobolo, subverte:

- Eu não quero esse homem nem outro qualquer.
- Mas quem te pediu opinião moça? Enlouqueceste? Aqui quem decide sou eu, sou chefe da família não sou?
- Pai, eu nunca viverei com esse homem. (p. 60).

Minosse, já no fim de sua vida, viúva e solitária, ganha uma voz reflexiva e crítica:

E pensa no homem masculino, aquele que dirige os destinos da vida, que segundo se diz, foi criado à semelhança de Deus. Para ela o homem é mesmo Deus, porque ele faz vir um filho ao mundo e diz: é meu. (p. 60).

Ao longo de toda narrativa/contação da história, o leitor/ouvinte é avisado de que o pior está por vir: os quatro cavaleiros do apocalipse estão a caminho. Esta metáfora nos alerta para o contexto histórico representado na obra: a guerra civil que se espalha por todo o país, inclusive atingindo as aldeias, como a de Mananga. Os reflexos da guerra chegam em Mananga, primeiramente, com os refugiados de Macuácua e, dessa forma, o cenário da região vai se alterando.

A chegada dessas pessoas de Macuácua é uma agressão, uma invasão e causa revolta em todos os habitantes de Mananga. A recepção é hostil e as atitudes fratricidas. O nosso povo sente o desejo louco de defender o território à força de ferro mas as autoridades impõem-se, malditas autoridades. Deixaram esses forasteiros fizarem-se no nosso solo, nesta terra tão pobre e tão seca. (p. 80).

São tempos de mudanças muito rápidas. As tradições e as memórias que conferiam a identidade das comunidades e das etnias estão se desfigurando pois, a guerra, por si só, força o desmembramento das comunidades causando a consequente perda de valores e referências. Na guerra civil, o governo luta contra a oposição, mas também há luta pelo poder nas aldeias distantes, às margens do centro e, nesta narrativa, a disputa pelo micropoder também é revelada. Nesse contexto, o antigo régulo de Mananga, o velho Sianga, juntamente com alguns colaboradores internos e externos, arquitetam um plano para a tomada do poder na aldeia.

Ressaltamos que, ao longo do período colonial, a administração portuguesa se valeu das tradicionais autoridades locais para a gestão do império, da mesma maneira que estas autoridades locais se beneficiaram do sistema e, ao mesmo tempo, criaram estratégias de sobrevivência cultural junto à sua aldeia. Porém, com a independência, o estado socialista, através da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO –, centralizou o poder e impediu

“O *mbelele*, segundo a tradição, é um ritual em que as mulheres, dirigidas por um régulo ou por um sacerdote, participam de uma representação lasciva e sedutora para conclamar os *chicumbos* ou almas perversas causadoras da seca.” (CIPIRE *apud* FONSECA, 2003, p. 305).

que estas autoridades tradicionais, com suas outras formações, continuassem nas lideranças comunitárias. Sianga representa, portanto, esse grupo de destituídos.

Para retomar o poder local, Sianga entende que só o conseguirá se mostrar ao seu povo o seu poder de trazer a chuva para aplacar a seca e, para isso, espalha, através das mulheres conversadeiras, que o ritual de *mbelele*<sup>5</sup> será realizado. Entretanto, não é mais possível realizar o ritual conforme os tempos de antigamente, ele será reconstruído aos moldes e interesses dos novos tempos, pois os tempos mudaram. Através da personagem Sianga, Chiziane nos apresenta a dupla função dos régulos nas aldeias tradicionais, a disputa pelo poder local em anos de guerra civil e o uso das crenças reformuladas para alcançar os objetivos políticos. Aqui, os tempos históricos se cruzam, as crenças e as tradições se apresentam em deslocamento e o presente é retramado ao passado e vice-versa. Segundo o velho Sianga, “este povo está desorientado. Tem fome no corpo e no espírito.” (p. 37).

A desgraça penetrou em Mananga. Já se ouvem rumores da guerra em Macuácuca, mas ultimamente os roquetes de *bazoocas* e rajadas de metralhadora aproximam-se de Alto Changane. Já se ouvem notícias de camponeses mortos e capturados. (p. 41)

Portanto, nesse contexto de guerra e seca, a promessa de realização do *mbelele*, reacende a esperança de dias melhores. O povo passa a trabalhar dia e noite para pagar com oferendas a purificação dos seus erros. As mulheres como dizem os homens, são o início de todo mal e são as que mais têm a pagar: “A chuva não cai, mulheres, a culpa está convosco.” (p. 67). Um verdadeiro tribunal de inquisição é implantado para avaliação e purificação dos pecados e o perdão ocorre mediante oferendas alimentícias ao grupo de Sianga. Nesse trecho da obra, as vozes narrativas, com extrema ironia, nos apresentam o lugar social das mulheres nessa sociedade e, ao mesmo tempo, a flexibilidade no processo de purificação dos pecados, demonstrando as mudanças de valores e concepções.

Finalmente, quase ao término da semana sagrada, o *mbelele* reformatado acontece e a chuva esperada não vem. O velho Sianga, obstinado, volta ao poder com a ajuda externa, possivelmente do partido de oposição ao governo. Usa jovens filhos da terra para atacar a própria aldeia, porém são descobertos, e o velho Sianga, mais os seus principais cúmplices, são executados na frente do povo que sobreviveu à hecatombe. As estratégias criadas por Sianga para restaurar o seu poder tradicional traz à tona os jogos de poder possíveis em anos de guerra nas comunidades rurais, nos interiores, nas margens, onde os limites entre o privado e o público, o tradicional e o moderno são muito mais tênues se comparados com as redes políticas na capital e nos centros urbanos.

Afinal de contas, quantas nações foram/estão sendo forjadas dentro de uma mesma nação? Sendo assim, a ficção não se distancia da realidade. Em *Ventos do apocalipse*, a autora traz as representações possíveis de realidades históricas no passado recente. Após esta tragédia, os sobreviventes de Mananga, mais os refugiados de Macuácuca, querem

fugir para bem longe:

Os cadáveres atingem quase uma centena e os feridos nem se contam. Os mais corajosos estão na azafama de cuidar dos mortos e dos feridos. O momento é difícil. (...).

O choque cede lugar ao medo que aconselha à prudência da fuga. Em todos os cantos a conversa é a mesma: gente, vamos fugir para a aldeia do monte, lugar de paz e sossego onde a história da guerra é apenas um murmúrio desagradável. (p. 87).

O leitor/ouvinte acompanhará, portanto, a narração da saga de um grupo de semividas rumo a uma terra prometida. E, nesse caminhar, a luta pela sobrevivência nos campos de guerra será marcada pela tensão entre valores e crenças tradicionais pois, com o massacre de Mananga, as memórias, a tradição e as histórias estão se perdendo:

– Chamai o Chilengue, conselheiro fiel da nossa tribo, que conhece todas as leis desde os tempos do primeiro homem.

– O chilengue? (...) Tem a cabeça rachada por um golpe de machado (...). (p. 96).

(...)Procuremos o Timane que herdou a sabedoria dos antigos ngunis para preparar a magia que torna os homens invulneráveis às balas.(...)

– Oh, esse está ali naquele canto. Tem ferimentos graves, muito graves mesmo. (p. 97).

Essa é uma reflexão imprescindível no projeto de nação em construção e, por isso, essa narrativa literária traz com tanta força esta denúncia, estas vozes de apelo, já que cabia aos velhos, agentes responsáveis e transmissores de conhecimento e de saberes, a educação das crianças e dos jovens. Com a morte dos sábios, quem há de educar as gerações futuras?

Mataram os velhos, mataram os novos. O povo não tem biblioteca e nem escreve. A sua história, os seus segredos residem na massa cinzenta dos antigos, cada cabeça é um capítulo, um livro, uma enciclopédia, uma biblioteca. As cabeças foram decepadas e em breve será o enterro. (p. 97).

Interessante notar que, em tempos midiáticos, nos acostumamos rapidamente com as notícias de guerras civis mas, na narrativa literária e, em especial em **Ventos do apocalipse**, a autora consegue nos conduzir para a reflexão e o questionamento sobre a condição de semivida das vítimas de uma guerra civil, no caso a moçambicana, suas agruras diárias, seus modos de viver e de sentir e como os tentáculos da engrenagem da guerra atingem todo o país, em todas as dimensões.

A vida deteriora-se por todo o lado, há fome e morte nos quatros cantos do mundo.

Cada ano,

Cada ano tem a sua história.

Cada dia.

Cada dia tem a sua história.

Há muitos e muitos sóis, as mulheres cantavam estes versos velhos como a idade da terra, com vozes de fartura nas festas das colheitas. Os tempos mudaram. Hoje, outras mulheres cantam os mesmos versos com vozes de amargura na época de tortura. (p. 107).

Nessa parte da obra, narra-se, portanto, a fuga desse povo sobrevivente para a aldeia do Monte. O grupo sobrevivente será liderado por Sixpence, ex-caçador das savanas que perdeu toda a sua família e todos os seus sonhos, mas sabe que a sorte do grupo está em suas mãos.

A personagem Sixpence representa, portanto, aquele que se desvinculou, perdeu as raízes, mas, heroicamente, utilizar-se-á de seus velhos conhecimentos de caçador para liderar o grupo e chegar ao destino almejado. No entanto, não o faz sem uma profunda reflexão:

Se soubesse teria feito como os outros, emigrar para bem longe das fronteiras da minha terra. Prendi-me à tradição porque me julgava bom e cumpridor dos deveres sociais. Queria proteger os meus velhos pais, mas estes foram-me retirados à bala. Pretendi ser o melhor dos maridos e eis que a morte ceifa-me a mulher e os filhos como se fossem um pedaço de palha. Agora estou neste maldito túnel sem um postigo de luz, sem um respiradouro, conduzindo uma manada de velhos inúteis que ainda guardam no peito a ilusão de um pedaço de vida. (...) Caminham apenas para o prolongamento da miséria, caminhamos todos, Deus semeou uma praga, um espinho, uma maldição no destino de cada negro. (p. 117).

Através da reflexão de Sixpence, as milhares de pessoas que migraram de Moçambique fugindo da guerra nos são lembradas, e também nos é apresentada a crueza das tensões e dos questionamentos de muitos que ficaram e se converteram em viventes de semivida, como nos coloca Homi Bhabha.

A narrativa prossegue. Serão vinte e um dias de penúrias variadas, traumas e mortes e o leitor/ouvinte será informado pelos protagonistas marginalizados dessa nação sobre o desconhecimento dos porquês da guerra que vivenciavam:

O ribombar de fogo ouve-se crescente aumentando a interrogação dos homens escondidos que se perguntam da razão de ser daquela sanha. A história de Mananga eles entendem bem; foi por causa de Sianga e dos seus capangas, foi por causa da fome e da seca, mas ali? Se a terra é verde e é fresca e de certeza chove, porque é que os homens se batem? A complicação da guerra é muito maior que o entendimento do aldeão comum. (p. 119).

Chiziane, portanto, ao trazer para o centro de sua narração o deslocamento de refugiados rurais, dá voz aos protagonistas dessa saga e mostra, em sua escrita, os modos de viver e sentir perplexo dos marginalizados da nação moçambicana, nos anos de guerra civil, rompendo com possíveis lógicas simplistas e binárias.

O clima é de desespero. Porém, no vigésimo primeiro dia, avistam a aldeia do Monte: “finalmente chegamos, obrigado defuntos, obrigado Deus dos

milagres! A aldeia está ali, monumento erguido sobre o monte.” (p. 135).

Chegam como mortos vivos e são recebidos com solidariedade. O lugar, num primeiro momento, se aproxima do paraíso: tem água com abundância e fartura de alimentos. Tudo que já desconheciam depois de tanta seca, em Mananga, e dias de marcha, em campos de guerra.

Os sobreviventes, com o passar dos dias, vão se refazendo, se reconstruindo moral e fisicamente e, ao mesmo tempo, os problemas da aldeia começam a lhes ser apresentados: nem todos os moradores são bons; o chefe é um usurpador e catástrofes naturais também chegam até ali, pois as águas não tardam a rolar e há enchentes. E a ajuda? Quando chega? Virá?

A ajuda virá, dizem. E virá da Europa e da América, da Ásia, da Austrália e de outros países africanos a quem a sorte ainda favorece. A notícia corre de boca e a expectativa aumenta. Da Europa? Perguntam os mais velhos com cepticismo, ao que os mais jovens respondem com segurança: da Europa sim!

Os mais velhos não ficam felizes, parecem preocupados. Fazem uma ponte entre a ajuda que vão receber e a colonização. (p. 174).

Mas, que tipo de ajuda chega? Esse é um questionamento fundamental quando pensamos na situação do continente africano como um todo, e como os organismos e as potências internacionais constroem seus discursos e suas exigências através de suas ajudas e parcerias com os países carentes de recursos, em processo de construção e afirmação de seus Estados.

Na narração, após a recuperação da aldeia com a ajuda estrangeira, o povo – velhos e jovens –, volta a se reunir para as longas conversas sobre o passado e o presente, mas os velhos já são questionados sobre a importância dos antigos costumes: “já é tempo de sepultar as crenças antigas. O culto aos antepassados é coisa para os velhos e não para os novos.” (p. 194). A voz autoral, através do velho, responde:

– Minha gente. Falar dos defuntos não é falar dos corpos mortos, das caveiras, dos ossos, da cinza e pó. Falar dos antepassados é falar da história deste povo, da tradição e não do fanatismo cego, desmedido. Não há novo sem velho. O velho lega a herança ao novo. O novo em sua origem no velho. Ninguém pode olhar para a posteridade sem olhar para o passado, para a história. A vida é uma linha contínua que se prolonga por gerações e gerações. Aquele que respeita a morte também respeita a vida. Acreditar nos antepassados é acreditar na continuidade e na imortalidade do homem. (p. 195).

Nesse encontro, a avaliação do mais velho sobre a contemporaneidade é pronunciada:

A crise existe por que o povo perdeu a ligação com a sua história. As religiões que professa são importadas. As ideias que predominam são importadas. Os modos de vida também são importados. O confronto entre a cultura tradicional e a cultura importada causa transtornos no povo e gera a crise de identidade. Estamos tão sobrecarregados de ideias estranhas à nossa cultura de tal forma que, da nossa gênese pouco ou nada resta. (p. 196).

Sobre o lugar do velho, daquele que transmite seus saberes, valores e histórias, devemos considerar a trajetória de Minosse, que viúva e sem seus filhos, mortos na guerra, só se reconstrói a partir da adoção das crianças no Monte. Tanto a velha quanto as crianças, nos servem como signo da encruzilhada em que se encontra a nação moçambicana em tempos presentes. O encontro desses dois tempos – tradição e modernidade – nos mostra a necessidade de se ensinar a quem deve aprender e, assim, Minosse “sente de novo alegria de viver”. (p. 166).

Mas, na ficção, o pior ainda não aconteceu: num dia celebrativo, com missa de ação de graças realizada pelo padre, a aldeia é invadida e massacrada: “De todos os lados surgem homens trajados de verde camuflado, de armas em punho, ostentando nos rostos o sorriso de morte.” (p. 203). Assim, tragicamente, o povo é dizimado, como no *Armagedon*.

### À QUISA DE CONCLUSÕES

O narrador polifônico de *Ventos do apocalipse* ao narrar, ficcionalmente, micro-histórias encaixadas dentro de uma macro-história, próxima da realidade, nos apresenta as múltiplas e complexas realidades possíveis de Moçambique do tempo passado e sua relação com o presente, fazendo um balanço histórico de sua nação: “Os culpados são todos. O culpado não é ninguém. A culpada é a imperfeição da natureza humana. O homem ama a sua própria vida mas, desde o princípio do mundo se diverte em tirar as vidas alheias” (p. 151). Também afirma: “– É verdade que muito se perdeu, mas nós ainda existimos. Deve-se procurar melhorar a vida tendo como base o que há de bom na nossa cultura.” (p. 196).

Dessa maneira, nesta contranarrativa de nação, ao dar voz às minorias, aos marginalizados – refugiados errantes, mulheres submetidas a regimes patriarcais tradicionalmente opressores, velhos silenciados, crianças e jovens desmemoriados por causa da ausência dos ensinamentos dos velhos – não deixa de nos mostrar representações possíveis de deslocamentos culturais, jogos de poder que, possivelmente, se instauraram em todo o país nos anos de guerra civil, tendo como referência o ocorrido em Mananga, e as possíveis consequências das ajudas humanitárias provenientes das potências estrangeiras.

Chiziane, ao representar literariamente as perdas e os traumas de um povo em tempos de guerra, há pouco passada, também sinaliza o cruzamento dos tempos e nos traz, inexoravelmente, para uma atualidade de perplexidade do viver, em que a nação moçambicana se divide entre urbanização acelerada, reconstrução física das cidades e das comunidades rurais, realidade de desamparo das vítimas da guerra, necessidade de formação de quadros profissionais, escolarização da população, necessidade da ampliação da saúde pública, busca de um maior desenvolvimento econômico, bem como as perdas de valores, memórias e identidades, reflexo das sequelas da história recente.

Assim, acaba por nos apresentar uma nação como uma colcha de

retalhos, não como “uma tapeçaria harmoniosa de culturas, mas articula a narrativa da diferença cultural que nunca permite que a história nacional se olhe a si própria narcisisticamente.” (CHIZIANE, 2001, p. 567). Apresenta uma narrativa de nação cujo o espaço nacional é “marcado internamente pela diferença cultural e por histórias heterogêneas de povos em conflito, autoridades antagônicas e localizações culturais tensas.” (CHIZIANE, 2001, p. 543).

### Abstract

This article discusses guaranteed enunciative space of minorities in African countries that have Portuguese as an official language. In the novel *Ventos do apocalipse*, by Paulina Chiziane. The novel talks about the recent traumas left by civil war and its relevance in contemporary Mozambican society.

Keywords: African Portuguese speaking literature; Nation; Identity; *Ventos do Apocalipse*; Paulina Chiziane.

### REFERÊNCIAS

BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. Paris: Unesco, v. 1, p. 181-218, 1980.

BHABHA, Homi K. Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna. In: GUSMÃO, Manuel. Da literatura enquanto construção histórica. In: BUESCU, Helena *et al.* *A floresta encantada – novos caminhos da literatura comparada*. Tradução de Alexandre Dias Pinto. Lisboa: Dom Quixote, p. 533-573, 2001.

CHIZIANE, Paulina. *Ventos do apocalipse*. República de Moçambique, 1993.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória e esquecimento como formas de construção do imaginário da nação. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral. *Identidades: recortes multi-interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, p. 189-200, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. A literatura menor. In: *Kafka – por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 25-42, 1977.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Campos de guerra com mulher ao fundo no romance *Ventos do apocalipse*. In: *Scripta*. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, v. 7, n. 13, p. 302-313, 2 sem. 2003.

MATA, Inocência. Da língua à cultura: alguns aspectos da problemática linguística nos Cinco (Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe). In: *Quo Vadis România? Zwischen Poskolonialismus und Selbstbestimmung: Mehrsprachigkeit und Sprachenpolitik im heutigen Afrika*, n. 21, p. 38-45, 2006.

MATA, Inocência. Mulheres de África no espaço da escrita: a inscrição da mulher na sua diferença. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura

Cavalcante. **A mulher em África** – vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, p. 351-364, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, Antônio Sousa. **Entre ser e estar** – raízes, percursos e discursos da identidade. São Paulo: Edições Afrontamento, p. 23-85, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 127-162, 1997.

VICTORINO, Shirlei Campos. A geografia da guerra em ventos do apocalipse de Paulina Chiziane. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África** – vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, p. 351-364, 2007.